

DE DESERDADOS A EMPREENDEDORES: OS ALICERCES FÁTICOS DA IDENTIDADE ESPIRITUAL DA IGREJA NEOPENTECOSTAL FONTE DA VIDA

Paulo Passos
PUC - Goiás

Resumo: Este trabalho investiga o percurso de consolidação da Igreja Fonte da Vida, agremiação religiosa que assumiu a estratégia de atingir os egressos dos subterrâneos da divisão de classes no Brasil: a classe “C”. Com uma modalidade de serviços religiosos voltados a supressão das contingências da vida pela via do empoderamento individual, o estreitamento de relações com a política e com a mídia foi imprescindível para sua manutenção no concorrente mercado religioso brasileiro. A Igreja Fonte da Vida, apesar de sua atuação mais expressiva na região centro-sul do país, já ocupa fatia significativa da clientela neopentecostal brasileira. O presente artigo apresenta dados teóricos e empíricos para ilustrar o percurso da Igreja Fonte da Vida e, como essa trajetória influenciou a formação da sua identidade teológica e mercadológica. Esta pesquisa foi resultado de tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de Goiás no final do ano de 2012. Em sua coleta de dados foram percorridos 16 Estados brasileiros, sendo aplicado um montante de 223 questionários. O método utilizado buscou conhecer o perfil socioeconômico da clientela religiosa da Igreja Fonte da Vida, como também, suas novas aspirações subjetivas ao demandarem tais serviços religiosos. O cruzamento dos dados foi analisado a partir dos pressupostos teóricos das ciências sociais considerando o seu repertório clássico ao mais contemporâneo.

Palavras-chave: neopentecostalismo, política, mídia, mercado.

Abstract: This work investigates the consolidation path of the Fountain of Life Church, a religious group that took the strategy to achieve those who come from the underground class division in Brazil: the "C" class. With a modality of religious services aimed at suppression of life contingencies by the way of individual empowerment, the closer relations with the political and the media was essential for its maintenance in competitor Brazilian religious market. The Fountain of Life Church, despite its more significant presence in the south central region of the country, already occupies a significant share of the Pentecostal Brazilian customers. This paper presents theoretical and empirical data in order to illustrate the course of the Fountain of Life Church and how this trajectory influenced the formation of its theological and market identity.

Keywords: neo-pentecostalism, politics, media, market.

Introdução

A configuração do perfil religioso da Igreja Fonte da Vida deve-se em boa medida ao passado do seu fundador, César Augusto Machado de Souza. A carreira religiosa do hoje denominado Apóstolo César Augusto, está intimamente vinculada ao seu ingresso na Mocidade Para Cristo (MPC). Organizada para pregar o evangelho de forma mais descontraída e espontânea, suas reuniões se pareciam mais com um clube do que uma igreja. Como uma instituição evangélica interdenominacional, não demorou em atrair a atenção de jovens criados nas Igrejas Presbiterianas e Batistas.

Com atividades voltadas mais aos jovens, características centrais da MPC como o empreendedorismo, a motivação para vencer os desafios, liderança, planejamento e missiologia urbana, logo foram incorporados por César Augusto ao seu perfil apostólico. Como um exercício ilustrativo, ao compararmos a liturgia da Igreja Fonte da Vida e de outros ministérios vinculados a ela, como o Ministério Atitude, encontraremos semelhanças contundentes, senão miméticas.

César Augusto apregoa que o membro batizado da IAFV, ou seja, fidelizado na doutrina da igreja define a sua trajetória existencial no momento da sua conversão. O ingresso na nas fileiras da igreja simboliza doutrinariamente um vestibular espiritual. O indivíduo convertido despe-se de sua vida pregressa passando a projetar uma nova perspectiva existencial, dotando-se de poder e proteção contra todos os infortúnios da vida. “a minha alma deve estar inflamada pela visão da vitória, não importa o tamanho da batalha”. (AUGUSTO, 2010, p.25).

A teologia da IAFV não se assemelha a outras vertentes neopentecostais na qual a prosperidade ou a ausência dela resume-se a ação de Deus ou do diabo. Essa dualidade é manifestada nos cultos, entretanto, não ocupa lugar de destaque, nem tampouco, a centralidade do rito. O enfoque concentra total atenção ao indivíduo e nas bênçãos e promessas que Deus tem a oferecer. Nessa relação com o sagrado o indivíduo não é invisibilizado, ficando a cargo de um corolário mágico. Insistentemente o indivíduo é chamado a orientar o seu caminho, assumir a condução do seu destino, pois as vicissitudes já foram debeladas pela ação apostólica.

Essa racionalidade leva o sujeito a pensar a sua vida como condutor dela. O diferencial é que entra no enfrentamento da vida consciencioso, preparado e fortalecido. Esta não é uma condição natural para o ser humano. Devido ao seu distanciamento das verdades divinas, padece pelas contingências do mundo. Permanece a vida toda num estado de insegurança, desamparo e dependente do arbítrio alheio.

Segundo O apóstolo César Augusto os filhos de Deus não titubeiam, seu arrojo e confiança os guiam para o caminho reto e seguro.

Estabelecer um planejamento a curto, médio e longo prazo é fundamental para os arrojados. Eu falo da necessidade de atitudes empreendedoras e da visualização de panoramas futuros que permitam refletir, analisar e decidir sobre qual caminho seguir. Essas são atitudes certas

que precisam ser reunidas e exercitadas de forma disciplinada na formação da nossa futura geração. (AUGUSTO, 2010, p. 26).

Guiados pelas revelações do apóstolo os fieis da IAFV encontram um mínimo de segurança nas searas do mundo moderno. As instruções normativas da igreja ao mesmo em tempo que justifica e fortalecem os princípios institucionais, baliza a perspectiva do fiel na tomada de consciência da realidade. Os construtos doutrinários apregoados pela igreja, como muitas denominações neopentecostais, se alicerçam na dicotomia ambivalente: mentira e verdade, certa e errada, justa e injusta, honesta e sincera, etc. Dessa forma, a igreja mantém certa legitimidade sagrada em ações e áreas historicamente secularizadas.

Gênese, defecção e identidade da igreja fonte da vida

A Mocidade Para Cristo se disseminou entre os jovens com atuação enfática em inúmeros ministérios. Com a criação do “clubão”, um ministério de louvor alicerçado na música, teatro, congressos, encontros, acampamentos e shows, a juventude cultuava princípios religiosos sem declinar-se da condição própria da idade. Além deste, outros ministérios que pavimentam a trajetória do MPC no Brasil marcaram sua atuação nos anos 70 e 80, como: Som do Céu, Estudantes em Ação, Quarteto Vida, Expresso Luz e Impactos.

Na década de 70, ser evangélico não tinha a mesma conotação dos dias atuais. Num país que ainda era majoritariamente católico, professar crença denominacional protestante representava carregar o estereótipo de “crente”, verbete eivado de preconceito e sectarismo (MONTES, 1998). Contudo, a proposta dos egressos da MPC Robson Rodovalho e César Augusto não se assemelhava ao tradicionalismo evangélico. Ainda sob os efeitos espetaculares do “milagre econômico”, no qual o acirramento das desigualdades sociais se exacerbou no país, uma nova classe social “a classe média” desponta fortalecida nesse panorama social.

O contexto social nas capitais brasileiras a partir da primeira metade da década de 70 sofrera mudanças estruturais em sua configuração socioeconômica. Com a urbanização e crescimento populacional das grandes cidades, associado às novas necessidades de mão-de-obra qualificada no setor público e privado, a oferta de serviços se multiplicaram, tanto no campo material, quanto no simbólico.

Em 1976, juntamente com Robson Rodovalho, César Augusto fundou a Comunidade Evangélica de Goiânia. Pautados numa linha de pregação mais ajustada ao perfil da classe média e do público jovem essa denominação alcançou relativa expansão em Goiânia. Com um viés doutrinário mais comedido, apesar do avivalismo litúrgico presente nos seus cultos, destoava daquele modelo estereotipado do “crente” tradicional. Com este posicionamento religioso não tardou a ganhar atenção dos estratos sociais emergentes de Goiânia.

Como na maioria dos casos de fundação de instituições religiosas, o aporte de recursos para a manutenção da igreja e para seu projeto de expansão, a contribuição dos fiéis é condição *sine qua non*. Todavia, ainda uma célula embrionária de outros movimentos religiosos, com reduzido séquito de fiéis e poucos recursos proselitistas, o poder econômico dos seus primeiros contribuintes foi essencial para o fortalecimento institucional. No início da década de 1980, com a Comunidade Evangélica de Goiânia relativamente bem estabelecida, a estratégia dos protagonistas da Igreja foi estabelecer aproximação com os próceres da política local.

Com bons contatos políticos e fiéis com razoável poder aquisitivo, a Comunidade Evangélica de Goiânia logo ampliou seus horizontes. A atuação gerencial de Robson Rodovalho e César Augusto à frente da igreja fez expandir geograficamente o número de comunidades pelo Estado de Goiás. Ambos os pastores administravam a igreja de uma forma plural e societária. Entretanto, é comum ouvir entre os fiéis e frequentadores mais antigos que havia certa rivalidade entre os dois líderes.

Enquanto a igreja representava um conjunto de agremiações semi-independentes, tanto um líder como o outro, mantinha suas articulações internas de forma a produzir certo equilíbrio na distribuição do poder. Aparentemente, segundo o testemunho das pessoas, Rodovalho era um líder religioso mais carismático do que César Augusto. Segundo Weber (1968), o carisma representa uma das mais importantes virtudes do político, bem como do sacerdote, compreendendo uma das formas de legitimação do poder. No caso concreto, a receptividade à pessoa de Robson Rodovalho por parte dos fiéis conferia a este certa liderança tácita.

Em relação ao poder exercido pelo carismático, Weber assinala que:

Dominação carismática em virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e os seus dotes sobrenaturais (carisma), e, particularmente, a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória; o sempre novo, o extra-cotidiano, o inaudito e o arrebatamento emotivo que provocam, constituem aqui a fonte da devoção pessoal. Seus tipos mais puros são a dominação do profeta, do herói guerreiro e do grande demagogo. A associação dominante é de caráter comunitário, na comunidade e no séquito o tipo que manda é o líder. (...) Obedece-se exclusivamente a pessoa do líder devido as suas qualidades excepcionais e não em virtude de uma posição estatuída ou de uma dignidade tradicional. (WEBER, 1994, p. 153).

Na medida em que a liderança de Rodovalho se destaca, a parceria com César Augusto fica enfraquecida. Aquela gestão plural aplicada na administração da Comunidade Evangélica de Goiânia começa a ser rompida. Contudo, as diferenças que começaram a acirrar os embates entre ambos não eram de caráter teológico, mas, sobretudo, administrativo e financeiro. Rodovalho, com o seu prestígio em alta junto aos fiéis, passou a se apresentar como a figura carismática no seio da igreja, recebendo os bônus pelo crescimento da instituição em razão das suas virtudes espirituais.

Percebendo o momento oportuno, o pastor Rodovalho apresentou um projeto de ampliação do ministério. Segundo os seus auspícios a matriz da igreja deveria ser transplantada de Goiânia para Brasília. Essa decisão visava estabelecer a projeção da Comunidade Evangélica a partir da cooptação da classe média da capital. Rodovalho argumentava que a expansão da instituição junto aos mais abastados e a proximidade com o poder político possibilitaria capitalizar economicamente a igreja e intensificar o lobby junto ao parlamento.

De acordo com o projeto de Rodovalho, o controle administrativo e financeiro da igreja ficaria a cargo da nova matriz, em Brasília, sob sua gestão. Assim, todas as igrejas vinculadas à Comunidade Evangélica de Goiânia, passariam a encaminhar suas arrecadações para Brasília, formando um “caixa único”; a administração e distribuição dos recursos ficariam a cargo do crivo da matriz. A decisão não foi bem recebida por César Augusto, que de um dos presidentes da igreja passaria a ocupar posição subalterna.

Tal fato foi decisivo no rompimento da sociedade entre César Augusto e Rodovalho e na dissolução da Comunidade Evangélica de Goiânia. Com a decisão pelo desmembramento da igreja, outra batalha se acirrou entre ambos pelo espólio patrimonial da instituição extinta. Para que o caso não fosse parar nos tribunais e diante da recalcitrância dos então pastores em firmar um acordo amigável, ambos concordaram em aceitar a mediação do reverendo Cáio Fábio na condução da partilha. Da dissensão foram constituídas a Igreja Apostólica Ministério Comunidade Cristã, com sede em Goiânia para César Augusto, e a Comunidade Sara Nossa Terra com Rodovalho e sede em Brasília.

Desde o final da sociedade com Rodovalho, César Augusto iniciou uma intensa aproximação com os líderes políticos locais. Por meio de uma proposta religiosa dinâmica voltada ao público jovem e às famílias de classe média de Goiânia, ele rapidamente estabeleceu contatos e articulações no meio político. Nesse período havia uma urgência latente por renovação. O novo ministério de Cesar Augusto passou a emprestar sua imagem a candidatos de todos os escalões e partidos, capitalizando politicamente sua igreja, condição lhe rendeu dividendos importantes para o fortalecimento da igreja e do seu *status* individual.

Bourdieu (2007) analisa que esse fenômeno social tende a ocorrer em:

Sociedades com elevada unificação material e política e, conseqüentemente, com elevada concentração e unificação simbólica, o papel de encobrimento e dissimulação das relações de força cabe as diversas instâncias internas ao campo cultural. Nestes casos, pode ocorrer que o corpo de sacerdotes profissionais venha a ocupar posição de relevo no sistema de poder, passando então a proteger a ordem sagrada (e por seu intermédio, seus próprios interesses), assim como, em sociedades como a nossa, a universidade prepara quadros de "funcionários da ideologia" dispostos a produzir os discursos condizentes com os interesses dos grupos detentores do poder. (BORDIEU, 2005, p. 55).

A década de 1990 foi um período de alicerçamento dos projetos institucionais do pastor César Augusto. De um ministério que funcionava em 1992 de forma improvisada no salão de um *buffet* no Setor Bueno, a capitalização de recursos e de fiéis permitiu multiplicar a obra em poucos anos. Através da expansão da Igreja, o templo do “Bueno” como era conhecido, ficou pequeno para acomodar os fiéis e simpatizantes da nova agremiação religiosa. Em meio à mobilização intensa da comunidade pela via das correntes, doações, dízimos e benesses políticas, a Fonte da Vida inaugura em 1994 sua sede internacional em Goiânia, um templo suntuoso e bem localizado na cidade, a instituição adquire *status* e visibilidade.

Orientado pelas experiências da sua formação na Mocidade Para Cristo (MPC), César Augusto fez com que a Comunidade Cristã se engajasse intensamente na promoção de eventos para jovens, no patrocínio de jovens talentos esportivos, no apoio e uso constante de grupos musicais, entre outras atrações para o mesmo segmento etário. Essa estratégia difundiu uma imagem da igreja como uma instituição jovem e renovada, apta aos desafios das novas gerações.

A lógica pretendida dessas ações era vincular a imagem da igreja à do atleta vencedor, forte, capaz, destemido, “de bem com a vida”. A dissidente e concorrente Sara Nossa Terra, havia criado um projeto semelhante, conhecido na década de 90 como “Atletas de Cristo”, do qual participavam várias personalidades do mundo esportivo. Com um *modus operandis* praticamente idêntico, César Augusto seguiu a mesma fórmula de sucesso. Um dos grandes destaques da Comunidade Cristã em seus empreendimentos no marketing esportivo foi o investimento no lutador de jiu jitsu Jonatas Gurgel, que posteriormente viria a ser campeão mundial nessa modalidade (MORAIS, 2007, p. 45).

Em 1994 César Augusto rebatiza novamente sua igreja. A Comunidade Cristã passa a se chamar Comunidade Cristã Fonte da Vida. A mudança não ficou apenas no nome da instituição, houve um incremento gradativo dos investimentos em marketing, propaganda e mídia para firmar a imagem da igreja junto à opinião pública. Goiânia mais que triplica sua população desde a década de 70. No bojo desse caudaloso deslocamento humano rumo à capital, novas concepções, valores e crenças se processavam a reboque desse movimento. Para atender essa população que gradualmente se desenraizava das convicções tradicionais, a Fonte da Vida passou a oferecer serviços religiosos de auxílio para essa transição, passando a focar nessas pessoas ávidas por trabalho e prosperidade.

Com o processo de urbanização crescente em Goiânia a igreja revisa rapidamente suas estratégias de expansão institucional. Apesar da matriz econômica do Estado de Goiás permanecer condicionada à produção agropecuária, o formato desse modelo produtivo foi totalmente remodelado. O agronegócio substituiu a passos largos a agricultura de subsistência. Os novos agricultores passaram a ter nível superior, carteira assinada e acesso a financiamento bancário, ou seja, as propriedades rurais se tornaram unidades empresariais inseridas na grande economia de mercado.

Associado ao desenvolvimento econômico no campo, as atividades industriais e de serviços se disseminaram pelo Estado. Assim, não somente as estruturas produtivas foram

afetadas pelos reflexos do desenvolvimento econômico, mas o próprio *ethos* da sociedade goiana sofre transformações profundas. Nesse panorama cultural, marcado pelas transformações nas representações simbólicas, uma profusão de serviços religiosos, espirituais, psíquicos e terapêuticos, é disponibilizada no mercado.

No contexto efervescente de transformações profundas na geografia urbana e na gramática simbólica da sociedade brasileira, César Augusto institui o Ministério Fonte da Vida. Em junho de 1997 é criada legalmente a Fundação Ministério Comunidade Cristã, uma entidade que visa atuar no campo cultural, educacional, artístico, literário, científico e religioso da sociedade. Nasce uma agremiação religiosa polivalente, ajustada à realidade dinâmica do novo panorama socioeconômico do Estado de Goiás e do Brasil.

A política como meio de acesso a mídia e às massas

Com as diretrizes estabelecidas, o projeto de César Augusto foi buscar apoio para o acesso da igreja aos meios de comunicação de massa. Por tratar-se de serviço público, conseguir a concessão de um canal de televisão ou emissora de rádio não é tarefa fácil, tendo em vista o poder outorgado ao cessionário. Invariavelmente o que ouvimos nos noticiários é que os processos de concessões de radiodifusão no Brasil são eivados de suspeição e manipulação política.

No caso da Comunidade Cristã, parece que os trâmites não fugiram à regra. O crescimento fulgurante da igreja, no qual em 1994, quando da inauguração do templo maior em Goiânia, consta registrado no site da Comunidade um total de 20.000.00 fiéis no Estado de Goiás. Com tamanho séquito de fiéis e também de possíveis eleitores, César Augusto rapidamente conseguiu visibilidade e prestígio nos redutos políticos da capital e do Estado de Goiás. Essa relação de proximidade com os mandatários da política em Goiás começou com o então governador do Estado, Iris Rezende. Em 1990, alguns meses antes de assumir o segundo mandato como governador Iris Rezende sofre um grave acidente automobilístico. De acordo com a versão da entrevistada, foi exatamente nesse período que o então pastor César Augusto se aproximou do então candidato e também evangélico Iris Rezende.

Dessa relação resultaram alguns benefícios importantes para a Comunidade Cristã. Segundo relatos coletados em entrevistas, o terreno da atual sede da Igreja Fonte da Vida localizado no Setor Pedro Ludovico, bairro de classe média da cidade de Goiânia, foi doado pela irmã do ex-governador em agradecimento pelo apoio espiritual prestado ao irmão. Não obstante, as benesses entre o pastor e o candidato foram recíprocas, haja vista que ambos prosperaram em seus projetos pessoais.

A trajetória de ascensão do Ministério Fonte da Vida corrobora a tese do *lobby* exacerbado de políticos eleitos ou beneficiados pela base eleitoral da igreja. Um fato, típico dessa relação clientelística entre religiosos e políticos goianos, ocorreu no pleito entre a

Universidade Federal de Goiás (UFG) e o Ministério Comunidade Cristão pela concessão de um canal de televisão educativo em Goiânia. Desde 1997 a universidade havia protocolado junto ao Governo Federal um projeto de utilidade pública solicitando a concessão de um canal de televisão destinado a programas educacionais, culturais e artísticos em Goiás. Contudo, para surpresa e espanto da comissão da universidade responsável pelo pleito, o canal havia sido concedido à Igreja Fonte da Vida em 2002.

O jornal *Opção* versão *on-line* de 22 de março de 2003 noticia com indignação a forma obscura da tramitação e concessão do canal educativo em Goiânia:

A Fundação Rádio e TV Educativa, juntamente com a Universidade Federal de Goiás, podem vir a propor ação judicial cobrando investigação sobre a perda da concessão de um canal educativo que a fundação vem pleiteando desde 1997. O canal, exclusivamente educativo, foi concedido, por meio de decreto presidencial de 15 de abril de 2002, à Fundação Ministério Comunidade Cristã, ligada à denominação evangélica Ministério Comunidade Cristã, sob liderança do Apóstolo César Augusto. Fonte: <http://www.jornalopcao2.com.br>. Acesso em 10 de janeiro de 2012.

Mesmo com a anuência do Presidente da República por meio de Decreto Presidencial em conceder permissões de radiodifusão no Brasil, sua aprovação em definitivo passa pela apreciação do Congresso Nacional. O trâmite de um processo como este esbarra na pachorrenta burocracia do Estado, podendo levar anos para o seu desfecho.

Na mesma edição do jornal o editor continua com a verve carregada de suspeição quanto à celeridade processual do pleito da igreja:

Chama atenção no processo a rapidez com que a Fundação evangélica teve seu pleito atendido. O processo da Fundação Ministério Comunidade Cristã foi protocolado em 2001 e já em abril de 2002, menos de um ano, já tinha favoravelmente o decreto presidencial assinado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. Enquanto isso, a solicitação para concessão do mesmo canal proposta pela Fundação RTVE data de 10 de agosto de 1999, portanto, pelo menos dois anos antes da fundação beneficiada. E, dada a rapidez com que o processo do Ministério Comunidade Cristã correu, não há dúvida de que o apóstolo César Augusto tenha usado da proximidade que tem junto a nomes expressivos da política brasileira, inclusive integrantes da bancada evangélica no Congresso. Fonte: <http://www.jornalopcao2.com.br>, Acesso em 10 de janeiro de 2012.

O Diário Oficial da União nº 72 de 16 de abril de 2002 publicou o Decreto Presidencial que outorga a concessão de televisão ao Ministério Comunidade Cristã.

O ministério Comunidade Cristã Fonte da Vida prosperou sobremaneira depois da concessão do canal de televisão. O canal litigado entre a Universidade Federal de Goiás e a Igreja Fonte da Vida é reservado para uma programação eminentemente educativa. Todavia, a Fonte TV Canal 5 de Goiânia veicula uma programação majoritariamente

evangélica. Em 2006, a Fonte TV firma uma parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC) de Goiás, numa tentativa de descaracterizar o caráter proselitista da emissora.

Uma das argumentações mais fortes da UFG no sentido de desqualificar a igreja como apta a gerir um canal educativo, foi à programação do canal 5. Mesmo com a parceria entre a Fonte da Vida e o SESC, uma boa parte da grade diária e semanal da emissora ainda é destinada a promover os interesses institucionais da igreja.

Discorrer sobre a utilização da mídia televisiva pelas denominações religiosas da “terceira onda” não acrescentaria mais do que já temos refletido a respeito desse processo. Entretanto, consideramos que o poder econômico e político de algumas denominações são tão expressivos que não apenas utilizam estes veículos, elas os incorporam (CAMPOS, 1997). No caso da Fonte da Vida, o canal de televisão tem o mesmo nome da igreja, na verdade o sistema de comunicação como um todo, composto por emissoras de rádio e televisão, recebem o mesmo nome da igreja.

Essas características compreendem idiosincrasias não encontradas em todas as emissoras que transmitem programação religiosa denominacional. No caso concreto, verificamos que a emissora é uma extensão da igreja, uma engrenagem midiática não apenas a serviço ocasional da instituição, mas essencialmente em benefício da instituição.

Hoje assistimos nos canais de TV abertos uma verdadeira enxurrada de programas denominacionais. Trata-se, no entanto, de horários comprados pelas igrejas, não há vinculação, nem tampouco, qualquer responsabilidade do canal com o conteúdo veiculado. Invariavelmente, antes dos programas religiosos exibidos na TV aberta, os canais apresentam uma nota introdutória eximindo-se por completo do teor, juízos de valor emitidos nesses programas: “a programação a seguir é de inteira responsabilidade de seus idealizadores”.

A diferença entre a Rede Record de televisão e a Fonte TV, é a relação da igreja com a emissora. No caso da Record, mesmo todos sabendo que a compra da rede de TV foi financiada pela Igreja Universal, esta compreende uma empresa autônoma, um conglomerado empresarial independente da igreja. No campo jurídico, igreja e emissora de TV são pessoas jurídicas distintas; toda a programação da igreja na TV é comprada junto à emissora. No caso da Fonte TV a concessão representa uma vitória dos fiéis da igreja. Um veículo de comunicação a serviço da obra de Deus e dos interesses da instituição. No campo jurídico, todo o sistema Fonte de Comunicação e a igreja representam a mesma pessoa jurídica: a Fundação Comunidade Cristã Fonte da Vida.

Vejamos o comentário abaixo extraído de um site evangélico que discorria sobre o uso da televisão na obra evangelística das igrejas:

Graça e paz. Eu penso que seria quase impossível manter uma rede de televisão totalmente voltada para o povo de Deus, mesmo que ela fosse comprada com o dinheiro das ofertas dos irmãos. Pois para competir com a Babilônia (Rede Globo de Televisão) de igual para igual, deveria na mentalidade da cúpula da Rede Record de Televisão, usar não armas espirituais, pois seriam derrotados facilmente. Então para se combater a Rede Globo de Televisão, que

usa armas carnais, a Rede Record deve usar armas carnais. (...) Temos aqui em Goiás a Fonte TV com programas todos direcionados ao povo de Deus. Eu louvo a Deus por essa emissora que está prestando um grande serviço para obra de Deus. Oremos para que ela não se corrompa como a Rede Record de televisão. <http://adbrasil.ning.com/forum/topics> Acesso em 04/04/2011.

A Comunidade Cristã Fonte da Vida se tornou um grande empreendimento no ramo empresarial, religioso e midiático. Com tamanha influência e poder junto a fiéis e clientes, passou a capitanear candidaturas políticas autônomas. De vereadores a deputados, vários parlamentares foram eleitos sob as bênçãos da Fonte da Vida. Com alicerces de poder bem sedimentados, a igreja de entidade solicitante, passa a ser fortemente solicitada para apadrinhar, apoiar e abençoar demandas políticas de vários setores da sociedade goiana.

Na medida em que os evangélicos vão ganhando visibilidade e *status* social, suas articulações vão se alastrando para outros setores sociais. A política partidária foi talvez o mais importante, pois possibilitou aos evangélicos colocar suas demandas na pauta das discussões e decidir sobre os rumos do país, processo que permite aos evangélicos assumir suas convicções a partir de uma posição social mais equânime, expressiva e contundente. Com suas bancadas suprapartidárias no Parlamento brasileiro, demonstram uma capacidade de articulação que outras agremiações políticas jamais conseguiram.

A bancada evangélica é conhecida como uma bancada suprapartidária, primeiro porque é composta por parlamentares de várias legendas, segundo porque vota em bloco quando se trata de matéria de interesse dos evangélicos. Ou seja, formou-se uma instância de poder paralela dentro do parlamento para cuidar dos interesses religiosos de suas bases. Assim, igrejas dos mais variados matizes doutrinários no campo evangélico, postulam, deliberam e reforçam suas estruturas de poder.

As instituições religiosas são antes de qualquer inferência por parte dos seus fiéis, instituições sociais. Sendo assim, sua projeção antes do plano espiritual se dá no plano fático da realidade cotidiana. Obviamente as instituições religiosas se esforçam para convencer os seus membros do contrário, que somente ascendem socialmente porque foram abençoadas, protegidas, escolhidas. Contudo, sem o trabalho de captação de recursos econômicos, articulação política, sofisticação dos seus produtos, serviços e estratégias concorrenciais, não sobreviveriam socialmente.

Segundo Marchi,

Mesmo que uma determinada Igreja estabeleça como núcleo central de sua ação a propagação da fé através de sua mensagem religiosa, dos atos litúrgicos e das práticas pastorais, certamente, como toda e qualquer instituição também defenderá outros interesses e buscará expandir sua influência, porque sabe que sua força e poder estão profundamente articulados ao seu relacionamento com outras instituições, ao número de sacerdotes que tiver à quantidade de seguidores, ao crescimento institucional e à situação financeira, bem como ao intercâmbio que estabelece com os poderes constituídos, sua inserção no universo das

relações econômicas e sociais e sua capacidade de atuar nas estruturas da sociedade em que se insere. (MARCHI, 1997, p. 178).

As igrejas de forma geral desenvolvem um trabalho permanente no sentido de fidelizar seus adeptos, conquistar a exclusividade de sua crença e garantir a continuidade das contribuições. Porém, nem sempre aquilo que a igreja apregoa a seus fiéis consegue cumprir enquanto instituição. Como mostrado anteriormente, a relação de proximidade de César Augusto com Iris Rezende alavancou a Comunidade Cristã ao patamar de uma igreja de grande porte em Goiás e no Brasil. Enquanto o poder de Iris Rezende se mantinha praticamente hegemônico no Estado de Goiás, César Augusto e sua igreja apoiaram incondicionalmente seus projetos e aspirações políticas.

A partir de 1998 o prestígio social do grupo liderado por Iris Rezende perde espaço e credibilidade na política goiana. Para um político que nunca amargara uma derrota nas urnas do seu Estado, ele foi suplantado por Marconi Perillo na campanha para governador de Goiás. Essa derrota provocou um distanciamento do grupo e com o próprio ex-governador, da mesma forma que pavimentou a aproximação da Fonte da Vida em relação a Marconi Perillo, o novo homem forte da política estadual.

Para os neopentecostais a derrota representa uma ingerência do mal na vida do indivíduo. Nesse caso específico, ao invés da igreja unir-se em apoio ao seu ex-benfeitor e auxiliá-lo no combate contra forças malignas que o acometiam, optou por apoiar o grupo vitorioso. Para uma instituição que tem como mote central de suas pregações doutrinárias a vitória, o sucesso, o *status* e o poder, permanecer ao lado de figuras que suscitem imagem contrária a defendida pela igreja seria um verdadeiro disparate. Na lógica desse processo os perdedores são alijados das virtudes que até então ostentavam. Caem em descrédito moral e espiritual junto ao “povo de Deus”.

Como na política tudo pode acontecer dependendo da conjuntura, as igrejas administram com cuidado suas articulações políticas. O apóstolo César Augusto como um administrador precavido, quando das eleições para governador em 2002, apesar do poder da “máquina pública” a favor dos aliados de Perillo, não subestimou a força de Iris Rezende.

Seguindo o adágio popular de que “o seguro morreu de velho” o apóstolo “acende uma vela para Deus e outra para o diabo”: filia-se ao PMDB, partido de Iris Rezende e coloca seu filho Fábio Sousa no PSDB partido de Marconi Perillo. Dessa forma, se o candidato de Iris Rezende ao governo estadual, Maguito Vilela, vencesse ou o próprio Iris fosse ao senado, César Augusto manteria seu espaço de poder. Caso a vitória fosse de Perillo, seu filho e, bispo da Igreja fonte da Vida, se projetaria. Nessa engenharia do poder, o fato é que independentemente dos resultados, o apóstolo e sua igreja se manteriam numa posição política confortável.

Em relação à escala de poder disposta no plano social, a religião atua sistematicamente como força de manutenção. Sua capacidade de naturalizar a conformação das hierarquias prescinde do arbítrio humano (BORDIEU, 2005). Seu legado e poder transcendem toda e qualquer fórmula racionalizante. Suas intervenções são de ordem

cósmica, despojada de outro interesse que não estritamente a vontade de Deus. A partir desses valores interiorizados, não se percebe nenhuma anomalia social ou política relacionada ao plano fático. Tudo se encontra exatamente dentro de uma ordem natural e legítima. A realidade passa a ser consequência de uma tradição mítica, na qual, tudo ocupa seu devido lugar no espaço social como um desígnio de Deus. Qualquer tentativa de desajuste desse ordenamento entraria no plano do sacrilégio, do pecado.

Pierre Bordieu, em seu livro *A Economia das Trocas Simbólicas*, ao tratar do interesse propriamente religioso, desenvolve com precisão o poder de estruturação e legitimação atribuída ao campo religioso. Segundo Bordieu (2005), a religião congrega em si o poder de definição daquilo que merece ou não entrar na pauta dos interesses sociais. O poderio inerente à religião tem a capacidade de consagrar aquilo que é apregoado por ela.

Estar sob a égide espiritual de um apóstolo, representa na concepção das denominações neopentecostais apostólicas proteção espiritual de entidade sagrada. Essa característica adquire significado importante num mercado em que as inovações estão cada vez mais escassas. Toda sorte de simbologia religiosa presente no *ethos* do povo brasileiro é trazida para o plano ritualístico das liturgias pentecostais. A figura central do apóstolo como um “escudo” protetor aos seus fiéis reaviva um sentimento de comunidade, integração, pertencimento. Numa realidade alicerçada em bases individuais, virtuais, líquidas¹, na qual o sucesso de um depende inevitavelmente do fracasso do outro, na política e na religião esse axioma moderno é relativizado.

Por meio de suas sentenças valorativas a religião institui a baliza e o ordenamento moral do plano político, não considerando a ingerência dos leigos nesse processo, por considerá-los desprovidos do poder santificante. A religião consegue engendrar determinada perspectiva social com efeitos singulares no jogo político sem que essa articulação apareça. Essa capacidade de operacionalizar a realidade sem a exposição concernente àquele que disputa espaços de poder, deve-se essencialmente à sua capacidade de diálogo com o desconhecido, possibilitando certa disposição de crença em seus pressupostos.

Para Weber (1994), para as classes mais abastadas a religião apregoa apropriadamente aquilo que elas necessitam. Uma legitimação social de sua superioridade material, ausente de culpa ou de qualquer responsabilidade relativa aos infortúnios alheios. Aos depauperados dos recursos materiais resta-lhes uma sofisticada teologia resignante, na qual certo conformismo “santificado” direciona as suas demandas para um momento metafísico e futuro.

Já para Bordieu (2005), a estruturação da realidade social a partir da premissa religiosa não somente outorga e legitima poder, mas constitui um poderoso instrumento de acomodação e manutenção do *status quo*. A atuação da religião seria não transformar o contexto social, tentando mitigar as discrepâncias econômicas, mas sim, encarregar-se da permanência dos atores e das classes exatamente onde se encontram.

Caso a religião não atuasse como justificadora dessa conformação social, a mobilidade dessas classes seria praticamente inevitável. Quanto mais distantes essas classes permanecerem em relação à acumulação de bens materiais e simbólicos, mais reduzida será qualquer sublevação acerca da naturalidade desse enredo. “A igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões dessa ordem”. (BORDIEU, 2005, p. 70).

César Augusto soube administrar muito bem o poder político-simbólico que dispunha. Manteve relações equidistantes em determinados momentos e de estreita proximidade em outros, mas nunca rompeu o vínculo com os poderosos. Essa estratégia não apenas viabilizou a expansão do Ministério Fonte da Vida, como também, o transformou em um dos próceres do seu Estado.

Com seu espaço de poder assegurado, o Ministério Fonte da Vida começou a lançar candidaturas próprias. César Augusto lança na política seu filho primogênito Fábio Sousa. Em 2004, Fábio Sousa, filiado ao PSDB, concorre à Câmara de Vereadores de Goiânia, sendo o vereador mais votado da cidade. A Fonte da Vida atua politicamente nos dois flancos majoritários da política goiana. César Augusto vinculado ao PMDB do prefeito de Goiânia Iris Rezende, mas também aliado do governador, através de seu filho. Assim, onde há poder o ministério religioso de César Augusto está presente.

Fábio Sousa foi eleito Deputado Estadual em 2006 pelo Estado de Goiás e reeleito em 2010. Articulado com o governador e protegido pelas benesses do apóstolo, assumiu a presidência regional do PSDB. O projeto do partido liderado por Fábio Sousa é conquistar o monopólio da política regional. Nesse sentido, além de Goiânia estariam na mira dos partidários do filho do apóstolo os municípios de Aparecida de Goiânia, Senador Canedo, Inhumas, Trindade, e outras cidades da Região Metropolitana.

Um dos principais articuladores e beneficiário da política goiana é o deputado João Campos, eleito em Goiás majoritariamente pelo eleitorado evangélico. Apesar de membro da Assembleia de Deus, sua ligação com a Fonte da Vida teve início em 2003, quando foi eleito ao primeiro mandato como Deputado Federal por Goiás. A ascensão política de João Campos acompanha o crescimento do Ministério Fonte da Vida. Como defensor dos interesses da Fonte da Vida no Congresso Nacional, seu trabalho parlamentar converge entre tantas demandas da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), com os interesses específicos do apóstolo César Augusto.

Conclusão

Em quase duas décadas de existência institucional, o Ministério Comunidade Cristã Fonte da Vida conquistou espaço e poder no mercado religioso brasileiro. Com séquito cativo e um pesado investimento em propaganda e marketing, propaga-se a passos largos no Brasil e no mundo. Com serviços religiosos mais individualizados e personalizados,

atende uma clientela que não encontrou retaguarda espiritual e existencial em outras agremiações religiosas.

Seu grande diferencial está no público a que se destina. Durante séculos a Igreja Católica se encarregou de zelar pelas almas dos miseráveis e desvalidos. O pentecostalismo entrou nessa disputa adotando um discurso mais pragmático, oferecendo mais resultados e menos culpa. As igrejas protestantes tradicionais se mantiveram pouco expressivas do grande público, porém, firmes em agraciar os interesses espirituais dos mais abastados.

Os neopentecostais ousaram arrebataram as multidões com seus mega espetáculos, profetizando a vitória e a prosperidade dos seus fiéis. A Fonte da Vida não procura reduzir a complexidade da vida social pela via do maniqueísmo religioso, ela empodera, unge e qualifica seus membros para a vida espiritual e concorrencial do mercado. Esta lógica sócio-espiritual trazida para a superfície do campo religioso brasileiro pela Igreja Fonte da Vida e algumas outras do mesmo perfil, apresentam características bem diferentes das denominações precursoras, bem como, das mais expoentes igrejas neopentecostais. De forma mais ilustrativa do que reflexiva, quando comparamos as diferenças entre as igrejas da primeira com a segunda “onda” pentecostal, o diferencial se qualificava mais pela ênfase nas pregações e defesa da palavra, do que efetivamente por qualquer outro ingrediente teológico, litúrgico ou doutrinário.

Não obstante, quando passamos da segunda para a terceira “onda” pentecostal, na medida em que o louvor força e amplitude litúrgica, a teologia é severamente mutilada pelo relativismo exegético empregado a ela. Assim, esse novo perfil religioso veio dar ouvidos a clamores emudecidos num Brasil de contrastes e desigualdades crônicas. O neopentecostalismo ganhou espaço no mercado religioso brasileiro como oferta redutora de complexidade num contexto no qual ao mesmo tempo em que a complexidade da realidade aumentava, provocava exclusão e marginalidade social na mesma proporção.

Enquanto nas periferias brasileiras a redução de complexidade da vida urbana era decodificada na propedêutica religiosa dos “neopentecostais”, um nicho representativo do mercado religioso encontrava-se desamparado. O florescimento maior das igrejas pentecostais da “terceira onda” deu-se exatamente por sua capacidade de oferecer respostas simples e diretas a pessoas em desconexão com a nova realidade. Leonildo Campos analisa esses serviços como espaços terapêuticos que aplicam a simplificação da realidade como tratamento espiritual.

Assim, a transformação de templos em espaços terapêuticos pressupõe a existência de uma demanda. Para eles afluem pessoas que já chegam com um diagnóstico intuitivamente formulado, a partir de etiologias semiprontas no imaginário social (...). Não se trata, pois, de uma teologia alienadora, no sentido tradicional e marxista do termo. Ela fala aos seus ouvintes coisas concretas e não foge de temas como a doença, o insucesso e a fraqueza, como fazem algumas outras religiões. Diz o que eles querem ouvir e lhes “vende” a promessa de uma benção, que se houver, é crédito para a igreja e, se nada acontecer, é porque não houve fé suficiente para alavancá-la, por parte do aflito. (CAMPOS, 1997, p. 241).

Todavia, considerando os percentuais de mobilidade sociais aflorados na última década, utilizando o mesmo conceito empregado na justificação socioeconômica do neopentecostalismo, podemos inferir que quando milhões de pessoas mudam sua condição social, sua gramática simbólica inevitavelmente sofre alterações. Dessa maneira, não podemos simplesmente transplantar as subjetividades dessa legião de indivíduos do seu estágio anterior para o atual. Com isso, considerando que a sociedade brasileira foi impactada com uma significativa e duradoura “onda” de consumo, acesso a educação e certa mobilidade social, sua religiosidade não sairia ilesa desse processo.

Em análise recente dos dados do Censo 2010, Ricardo Mariano reitera que o público majoritário atraído pelas ofertas religiosas pentecostais ainda figuram entre os mais pobres e menos esclarecidos da sociedade brasileira. O Censo 2010 reitera o crescimento do pentecostalismo na base da pirâmide social: 64% dos pentecostais ganham até um salário mínimo, 28% recebem entre um e três salários, 42% têm ensino fundamental incompleto. Avança nos segmentos mais vulneráveis da população, nas periferias urbanas e regiões mais violentas. (MARIANO, 2012, p. 01).

As considerações de Mariano (2012) se mantêm na mesma linha analítica que substanciou a sua tese há uma década. Se na ocasião quando cunhou a expressão “neopentecostais”, vinculava este segmento aos estratos “pobres, escuros e pouco esclarecidos” (MARIANO, 2005), precisamos observar que uma boa parcela desse contingente que compunha aquelas expressões religiosas ascendeu socialmente. Na Igreja Fonte da Vida, por exemplo, os dados coletados retratam um perfil diferente daquele refletido por Mariano (2012 e 2005). O mapeamento socioeconômico dos fiéis demonstra uma clientela mais ajustada à classe “C” ou “nova classe média” brasileira. Esta conclusão é resultante dos 223 questionários aplicados em 16 Estados brasileiros a membros da Igreja Fonte da Vida. Quando cruzamos os dados dessa amostra referente aos itens renda e escolaridade temos a seguinte configuração percentual: 82,8% desse total estão na faixa salarial de 02 a 10 salários mínimos de renda individual e 93,8% estão entre aqueles que possuem escolaridade do ensino médio a pós-graduação.

Em análise da conformação socioeconômica do neopentecostalismo brasileiro, que segundo Mariano (2005), apresenta as condições assinaladas logo acima, podemos avaliar que as mudanças na distribuição da renda nacional, bem como, acesso a educação e ao consumo ensejaram mudanças no seu *ethos* religioso. De um movimento definido por (CAMPOS, 2005, p. 104), como “a igreja dos deserdados”, podemos ressignificar essa percepção para o contexto contemporâneo como “a igreja dos empreendedores”.

Referências

- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.
- CAMPOS, Leonildo. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendedorismo neopentecostal*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
- CAMPOS, Leonildo. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ASSESSORIA PARLAMENTAR. *Radiografia do novo Congresso: Legislatura 2007-2011*. Brasília, DIAP, 2006.
- MARCHI, Euclides. Religião e Igreja: a consolidação do poder institucional. *Revista História: Questão e Debate*. Curitiba: UFPR, v. 14, n. 26/27, p. 172-195, jan./dez 1997.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2ª ed, 2005.
- MARIANO, Ricardo. *Em marcha, a transformação da demografia religiosa do país*. Em marcha, a transformação da demografia religiosa do país. Instituto Humanitas Unisinos. Porto Alegre: 2012. <http://www.ihu.unisinos.br/noticias>. Acesso em 06/12/2012.
- MONTES, Maria Lucia et al. *História da vida privada no Brasil*. vol. 04, São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- MORAES, Itelvides José de. *Protestantes pentecostais em Goiânia: discurso e ação política*. 2007. 206 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- NERI, Marcelo Cortês. *A Nova Classe Média*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2008.
- VELOSO, Fernando A. et al. *Determinantes do “Milagre” Econômico Brasileiro (1968-1973): Uma Análise Empírica*. *RBE*. Rio de Janeiro, v. 62, nº 2, p. 221-246, abril-junho 2008.
- WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB. 1994.